

Na TV, programa só não garante voto

Quinta-feira, 31 de agosto de 1989

MARCELO BAUER

SÃO PAULO — Não é somente com programas de governo que se faz um Presidente da República. Numa campanha desenvolvida basicamente nos estúdios de televisão, os candidatos à sucessão presidencial precisam unir as idéias de um político à habilidade de um ator.

Para aprimorar suas atuações frente às câmeras de TV, os candidatos não hesitam em procurar ajuda, seguir conselhos de amigos ou mesmo alterar hábitos antigos. Mário Covas (PSDB) chegou a quebrar um dente fazendo um exercício para melhorar a fala. Paulo Maluf (PDS) trocou os óculos e Guilherme Afif (PL) enfrentou uma simulação na terça-feira antes de participar do "Palanque eletrônico", da Rede Globo. Outros preferem a ajuda de um especialista.

— Muitos dos problemas se resolvem com poucas horas de treinamento — afirma Reinaldo Polito,

professor de comunicação verbal que já teve entre seus alunos políticos e candidatos cujos nomes não revela "por sigilo profissional".

Na avaliação de Polito, os candidatos Paulo Maluf (PDS) e Guilherme Afif Domingos (PL) têm os melhores desempenhos frente às câmeras. Os dois — que receberam do professor nota oito — já foram paraninfos de alunos de seu curso de expressão verbal. No outro extremo, estão Aureliano Chaves (PFL) e Affonso Carmargo (PTB), com os piores desempenhos e nota dois.

Em sua escola, em São Paulo, Polito tem dezenas de fitas de vídeo com as apresentações dos candidatos na TV, usadas como exemplo e contra-exemplo para seus alunos. Apesar de ser administrador de empresas por formação, Polito engrossa o coro dos publicitários, que não abrem mão de uma boa embalagem mesmo confiando na qualidade do produto.

— De certa modo, a mensagem dos candidatos é a mesma. O que os diferencia é a comunicação — acredita.